

REVISTA BIBLIOT3CA



JULHO - AGOSTO 2024

CONTEÚDO

Página 3

Uma joia medieval no coração de São Paulo: a Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento

Página 31

O alfabeto maçônico: mensagem codificada, o legado do quadrado mágico do mundo antigo

Página 33

A Palavra Huzzé: Origem e Significado

Página 36

Palácio da Memória: Crie sua técnica de memorização

Página 45

Como deve se vestir o maçom em loja?

Uma joia medieval no coração de São Paulo: a Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento

Por José Filardo



Introdução

Acaba de ser publicado um livro excelente, chamado **OS CONSTRUTORES DA CATEDRAL: A HISTÓRIA DE UMA GRANDE GUILDA MAÇÔNICA** da autoria de Leader Scott. (R\$ 80,00 p&b, R\$ 191,44 colorido) disponível em **CLUBE DE AUTORES**

O livro mostra a evolução arquitetônica, na passagem do modelo Românico para o modelo gótico e os nomes dos mestres responsáveis pelas catedrais italianas e outras obras importantes da Idade Média, quem foram e onde viveram. Nele são detalhados os estilos, formas e elementos de igrejas e catedrais medievais construídas pelos Mestres Construtores lombardos por toda a Itália, constituindo uma fascinante narrativa e um fantástico guia de viagem pela Itália.

No meu entender, o interior de um templo é terreno sagrado. Um visitante interessado somente em aspectos estéticos ou históricos será, sempre, um intruso

desrespeitando a sacralidade do espaço. Mas, não sendo religioso, visito poucas catedrais ou igrejas em minhas viagens, a não ser em casos excepcionais ligados a obras de arte.

E, mesmo residindo em São Paulo há mais de cinquenta anos, não visito igrejas da cidade, exceto em algumas ocasiões, geralmente sociais. Já visitei, nessa condição a Igreja da Cruz Torta, a Igreja do Calvário e N.S. de Fátima, no Sumaré.

Recentemente, tive um compromisso no centro da cidade, próximo ao Largo de São Bento, aonde cheguei muito cedo e resolvi caminhar um pouco pelos arredores. Observando o ambiente □ sou um arquiteto frustrado □ fui instigado por elementos arquitetônicos da entrada da Faculdade de São Bento, prestei mais atenção ao conjunto do Mosteiro e acabei descobrindo um tesouro de arquitetura medievla bem no centro da terceira maior cidade da América.

Contrariando meus costumes, entrei na basílica abacial e caiu-me o queixo! Estava diante de uma igreja medieval do século VIII ou IX quando as igrejas ainda mostravam sinais de decoração bizantina, tinham o formato típico de basílica e elementos decorativos dos Mestres Comacine.

Uma surpresa localizada nas coordenadas Latitude: -23.54365 Longitude: -46.63379: uma basílica medieval lombarda igual às basílicas construídas por aqueles misteriosos monges construtores.

É preciso dizer que concordo e endosso a tese do Prof. Merzário[1] que serviu de base para o livro de Leader Scott, de que os Mestres Comacine foram os herdeiros dos Colégios Romanos de Construtores que se teriam metamorfoseado em guildas e se colocado sob a proteção da Igreja em um primeiro momento e mais especificamente da Ordem de São Bento após sua fundação e expansão.

Também é preciso lembrar que mosteiros são prelazias particulares do Papa e não fazem parte da hierarquia da Igreja Católica e que na tradição beneditina, existem dois tipos principais de membros:

Monges e Monjas: São indivíduos que fizeram votos religiosos e vivem em comunidades monásticas. Embora alguns possam ser ordenados sacerdotes, nem todos os monges e freiras são sacerdotes. Muitos são leigos que se comprometeram com a vida monástica e seguem a Regra de São Bento.

Oblatos: Oblatos são leigos que estão associados a um mosteiro beneditino, mas não vivem dentro do mosteiro em tempo integral. Eles são tipicamente indivíduos que têm uma profunda conexão espiritual com o modo de vida beneditino e procuram viver de acordo com seus princípios, permanecendo no mundo secular. Os oblatos fazem promessas ou compromissos de viver de acordo com a Regra de

São Bento da melhor maneira possível.

Os oblatos são uma parte importante da família beneditina e são considerados membros honorários da comunidade monástica. Eles participam da vida espiritual do mosteiro tanto quanto suas circunstâncias permitem, assistindo à missa, rezando o Ofício Divino e integrando os valores beneditinos em suas vidas diárias.

Dessa forma, a simbiose entre as guildas de construtores herdeiras dos colégios romanos e a Ordem de São Bento seria perfeitamente viável, tanto pela incorporação da guilda a um mosteiro na forma de monges construtores, quanto a manutenção dos pedreiros das guildas na condição de oblatos.

Essa simbiose explicaria, inclusive, a homogeneidade de estilo e a facilidade de deslocamento dos pedreiros por toda a Europa, garantida pela sua condição de membros da Igreja Católica sob a proteção do Papa, sem os entraves característicos da vida medieval, o que lhes valeu a designação de pedreiros-livres. E os mosteiros ofereceriam pontos de apoio no deslocamento em busca de trabalho. Mas, para que o leitor possa avaliar a importância e o valor do tesouro desenterrado, é preciso examinar um pouco a História.

Antecedentes

Em Roma havia organizações estruturadas como associações para fins específicos, verdadeiros sindicatos, que recebiam o nome de Collegium. Havia colégios para tudo, profissões, interesses, grupos religiosos, funerários etc.

Entre esses colégios havia o Colégio Romano de Construtores, estruturado em forma de guilda, ou seja, tinha um presidente (magister), supervisores, secretário, tesoureiro e guardava dinheiro em uma “Arca” que era utilizado para socorrer os membros do colégio ou para banquetes ritualísticos.

Esses colégios eram responsáveis pela construção dos edifícios governamentais, aquedutos, muralhas, estradas, enfim, todas as obras de engenharia e arquitetura de Roma.

Entre os edifícios mais comuns construídos por eles estava a basílica. O conceito de basílica na Roma Antiga evoluiu ao longo do tempo. Inicialmente, as basílicas eram estruturas públicas multifuncionais, mas mais tarde, durante o Império Romano, algumas basílicas passaram a ser usadas principalmente para fins judiciais ou comerciais.

As basílicas eram estruturas grandes e imponentes que tinham diferente características e funcionalidades na vida em uma cidade romana. Aqui estão duas das principais funções de uma basílica na Roma Antiga:

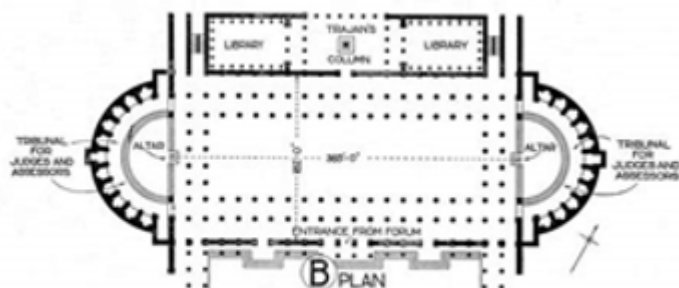
Função Jurídica: As basílicas frequentemente abrigavam tribunais e serviam como salas de audiências para casos legais. Os magistrados romanos ouviam casos, resolviam disputas e administravam a justiça nas basílicas.

Função Comercial: As basílicas também eram usadas como espaços comerciais, onde os negócios e as transações comerciais ocorriam. Mercadores e comerciantes se reuniram em basílicas para negociar e vender seus produtos.

Uma basílica romana típica tinha uma estrutura retangular com uma grande nave central e fileiras de colunas que sustentavam o telhado. Essa nave central tinha o pé-direito mais alto que as naves laterais, permitindo que janelas fossem abertas acima das naves laterais e, assim a nave central fosse iluminada com luz natural. Essas janelas constituíam o “clerestório”. Havia geralmente uma abside semicircular na extremidade da nave, onde se colocavam os juízes e seus auxiliares.

As basílicas romanas eram frequentemente decoradas com materiais nobres, como mármore e afrescos. Eram estruturas grandiosas que refletiam o poder e a importância da cidade em que estavam localizadas.

Esta é a planta típica de basílica romana:



Basílica de Úlpia no Fórum Romano



Ilustração de Basílica

No século IV, com a supremacia do cristianismo sobre as religiões pagãs romanas e o decreto de Constantino tornando legal o cristianismo, a demanda por locais de culto católico aumentou e os Papas recorreram a quem dominava a técnica de construção na época □ os Colégios Romanos de Construtores. Presumivelmente, como todos os romanos, esses construtores também já eram cristãos, o que facilitou atender às encomendas de obras pela Igreja Católica.

Algumas igrejas importantes foram construídas nessa época, entre elas:

- **Basílica de Latrão** – chamada hoje Arquibasílica do Santíssimo Salvador e dos Santos João Batista e João Evangelista de Latrão – Essa seria a primeira igreja católica jamais construída em Roma. Construída entre 311 e 335 d.C. e tornou-se a residência do Papa Silvestre I. Fica fora do Vaticano, mas é propriedade da Santa Sé.
- **Antiga Basílica de São Pedro**, cuja construção começou durante o reinado do imperador romano Constantino I no local conhecido como Circo de Nero. A construção foi ordenada pelo próprio Constantino entre 318 e 322 d.C. e durou 30 anos.
- **Basílica Liberiana** que se chama hoje Basílica Santa Maria Maggiore localizada próximo à Estação Termini de Roma e pertencente ao Vaticano, apesar de não se encontrar dentro do território vaticano. Atribui-se sua construção ao Papa Libério (352-366).
- **Basílica de São Pedro Acorrentado** – Construída entre 432 e 440 d.C. Abriga o Moisés de Michelangelo.
- **Basílica Papal de São Paulo Extramuros** – juntamente com São Pedro, São João de Latrão e Santa Maria Maggiore, essa basílica é uma das quatro basílicas papais de Roma. Também é propriedade da Santa Sé, mesmo ficando fora do Vaticano. De acordo com a tradição, o corpo de São Paulo está enterrado ali. Também construída por Constantino I, logo isso teria acontecido antes de 337 d.C. e depois de 312, data em que se converteu ao cristianismo.
- **Basílica de Santa Sabina** – Construída entre 422 e 432 no Monte Aventino, às margens do Rio Tibre, não muito longe do Fórum Romano. Atualmente faz parte de um convento Dominicano.
- **Basílica de São Pedro no Vaticano** – A Basílica de São Pedro foi construída no local onde, acredita-se, São Pedro foi martirizado. A construção da basílica começou no século IV e continuou no século V.
- **Mosteiro de São Martinho de Tours** (Marmoutier) na França: Fundado por São Martinho de Tours no século IV, é um dos primeiros mosteiros cristãos da Europa e teve uma influência significativa na cristianização da região.
- **Mosteiro de Lérins**, França: Fundado no século V, este mosteiro foi um importante centro monástico e de ensino durante a Idade Média.

Essa profusão de templos católicos construídos na Europa antes da queda do Império Romano nos leva a concluir que os Colégios de Construtores que dominavam as técnicas de construção já construíam basílicas religiosas cristãs ou não,

antes, durante e depois da queda do império romano. Também no Império romano do oriente, existiam basílicas no formato romano e também templos construídos com arquitetura semelhante à sinagoga.

Em 313 d.C., o imperador Constantino emitiu o Édito de Milão que legalizou o cristianismo no Império Romano. Posteriormente, o imperador Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do império com o Édito de Tessalônica em 380 d.C. Isso impulsionou ainda mais o crescimento do cristianismo.

Portanto, ao longo dos séculos III e IV d.C., o cristianismo cresceu e se tornou cada vez mais dominante no Império Romano, eventualmente suplantando o mitraísmo e outras religiões de mistério que eram populares na época.

Em 476 d.C., o ano em que o Império Romano do Ocidente caiu, o cristianismo estava se tornando a religião dominante em grande parte do Império Romano. O processo de cristianização do Império Romano havia sido gradual, e muitos imperadores romanos anteriores haviam adotado e promovido o cristianismo.

O período imediatamente após a queda do Império Romano do Ocidente no século V d.C. foi marcado por mudanças significativas na estrutura urbana de Roma e em outras partes do antigo Império Romano. Várias transformações ocorreram devido a fatores como a desintegração do governo central, invasões bárbaras, declínio populacional e mudanças econômicas. Aqui estão algumas das principais mudanças na estrutura urbana de Roma e do império no século seguinte à queda:

- **Desintegração da Administração Urbana:** As estruturas administrativas que

O livro considerado o padrão de referência em história da Maçonaria.
O primeiro livro sobre a matéria, escrito com base em evidências e informações comprovadas.

Cobre a História da Maçonaria desde seus primórdios até o estado em que se encontrava na virada do século XX, tendo sido publicada em 1904.

Para comprar, clique no link abaixo



<https://clubedeautores.com.br/livro/historia-concisa-da-maconaria-2>

mantinham as cidades romanas, tais como prefeituras urbanas, entraram em colapso, levando a uma falta de manutenção e de serviços públicos. Muitas estruturas antigas, como aquedutos, pontes e estradas, entraram em estado de deterioração, e a manutenção adequada tornou-se um desafio.

- **Declínio da Administração Centralizada:** O Império Romano tinha uma administração centralizada e uma estrutura fiscal bem definida. Com sua queda, essa administração centralizada desapareceu, resultando em uma falta de infraestrutura tributária eficaz.
- **Mudanças na Paisagem Urbana:** À medida que as cidades mudavam, muitas vezes se desenvolviam em torno de estruturas defensivas, como muralhas e fortificações, para se proteger contra invasões bárbaras. Após a queda do Império Romano do Ocidente, a estrutura urbana de Roma e de outras cidades romanas passou por mudanças significativas. Essas mudanças marcaram o início da Idade Média e uma nova era na história urbana europeia.
- **Mudanças Econômicas:** As atividades econômicas se descentralizaram, e muitas cidades viram a agricultura e a produção local se tornarem importantes.
- **Cristianização das Cidades:** O cristianismo estava ganhando influência, e as igrejas cristãs começaram a desempenhar um papel proeminente nas cidades.

A estrutura da Igreja Católica se expandia e ela desempenhava um papel significativo na coleta e distribuição de recursos. Tinha seu próprio sistema de tributação e influência sobre as práticas tributárias em muitas regiões e necessitava da capacidade técnica dos colégios de construtores. Na prática, ela substituiu o estado romano como cliente dos construtores.

Os colégios passaram a ter a proteção da Igreja quando o estado romano se desorganizou, deixou de comissionar obras aos construtores e o domínio do cristianismo determinou o abandono e até mesmo a destruição de templos de deuses obsoletos, e a consequente utilização dos materiais nas novas construções.

Um grande motivo pelo qual muitas igrejas medievais mostram colunas semelhantes aos templos pagãos é que após o desaparecimento dos deuses romanos, seus templos foram pilhados e suas ruínas recicladas como novos edifícios, incluindo igrejas.

No Batistério de Santa Maria Maggiore (Séc. IX) em Salerno é perceptível o reaproveitamento de colunas.

Havia casos de simples transformação de templos pagãos em igrejas, como é o

caso do Panteão em Roma



ou Santa Urbano Alla Caffarella (séc. X).



Esse é o grande motivo pelo qual muitas igrejas medievais mostram colunas sem-

elhantes aos templos pagãos, como é o caso do Batistério de Santa Maria Maggiore (Séc. IX) em Salerno, Itália onde é perceptível o reaproveitamento de colunas.



Na falta de colunas recicladas, os arcos eram feitos em alvenaria como esta igreja de San Benedetto in Val Perlana – Séc. VII



A Ordem de São Bento

A Ordem de São Bento, também conhecida como a Ordem dos Beneditinos, foi fundada por São Bento de Núrsia, um monge cristão italiano, no início do século VI. São Bento é considerado o fundador do monasticismo ocidental e é conhecido por sua Regra □ Ora et Labora, um conjunto de diretrizes e princípios que enfatiza a importância da oração, do trabalho manual e do estudo nas comunidades monásticas e que se tornou uma influência duradoura no cristianismo ocidental e na cultura europeia.

Por volta do ano 529 d.C., São Bento estabeleceu um mosteiro em Monte Cassino, uma colina na Itália central. Monte Cassino se tornaria o centro espiritual da Ordem de São Bento.

A Regra de São Bento também define a organização da vida monástica em torno da oração do Ofício Divino (Liturgia das Horas), que é um ciclo regular de orações ao longo do dia e da noite. Ela é conhecida por sua moderação e equilíbrio, em contraste com algumas regras monásticas mais rigorosas da época. Isso atraiu muitos seguidores e levou ao crescimento da Ordem de São Bento.

Vejamos agora alguns exemplos notáveis de mosteiros beneditinos construídos Entre 529 d.C. e o final do século VI d.C., em diferentes partes do Império Romano e até mesmo em regiões além de seus limites:

- **Mosteiro de Monte Cassino (Itália):** O Mosteiro de Monte Cassino, fundado por São Bento de Núrsia por volta de 529 d.C., é um dos mosteiros beneditinos mais famosos e significativos. Ele está localizado na Itália, em uma colina chamada Monte Cassino. O mosteiro foi estabelecido de acordo com a Regra de São Bento e se tornou o berço da ordem beneditina. O primeiro mosteiro em Monte Cassino foi saqueado pelos invasores lombardos por volta de 570 e abandonado. Do primeiro mosteiro quase nada se sabe. Ele foi reconstruído e destruído diversas vezes até a Segunda Guerra Mundial quando a batalha de Monte Casino em 1944 resultou em sua destruição. Foi reconstruído após a guerra.
- **Mosteiro de São João de Latrão (Itália):** Este mosteiro foi estabelecido em Roma no início do século VI e é considerado um dos mosteiros beneditinos mais antigos da cidade. Foi fundado pelo Papa São Símaco e desempenhou um papel importante na vida religiosa de Roma. Entre a basílica e o Muralha Aureliana havia, um grande mosteiro, no qual habitava uma comunidade de monges da Ordem de São Bento que servia à igreja. Este mosteiro era o maior de Roma, com seus 36 metros na lateral.
- **Abadia de Saint-Pierre de Celle** – Localizada na França, foi estabelecida no sé-

culo VI e é um dos exemplos mais antigos de mosteiros beneditinos na França. Saint Frobert fundou inicialmente com alguns monges, um oratório dedicado a São Pedro segundo a Regra de São Columbano rodeado por algumas celas monásticas (daí o nome de Mosteiro de São Pedro de Celle). Em 657, após o desaparecimento de Clóvis II, o mosteiro foi confirmado por foral oficial da Rainha Santa Bathilde e de seu filho herdeiro, Clotário III.

- **Mosteiro de São Pedro de Roda:** Fundado no século VI na Catalunha, Espanha, este mosteiro beneditino é conhecido por sua localização pitoresca nas montanhas.
- **Mosteiro de São Martinho de Tours** – Embora a abadia beneditina de São Martinho de Tours tenha sido fundada no século VI, suas origens remontam ao século IV. Ela desempenhou um papel importante na preservação do cristianismo na Gália (atual França).
- **Mosteiro de Lérins** – Fundado no século V na ilha de Lérins, na costa sul da França

O mistério

Quem teria construído todos esses mosteiros e igrejas? Quem eram os monges construtores especializados que dominavam a arte da construção no Império Romano?

“De acordo com a antiga tradição maçônica, membros refugiados do disperso Colégio Romano de Arquitetos fugiram para Comacina, uma ilha fortificada do lago de Como, na Itália, onde resistiram durante vinte anos às incursões dos lombardos que estavam invadindo o país.

Quando finalmente foram subjugados, os reis lombardos tomaram os mestres construtores a seu serviço para os assessorarem nos trabalhos de reconstrução. A partir desse centro, os maçons, chamados comacinos por causa do seu refúgio fortificado, espalharam-se por toda a Europa ocidental e setentrional, construindo igrejas, castelos e obras cívicas para os governantes dos estados nascentes, que se seguiram ao Império Romano.

Os comacinos estavam a serviço de Rotharis, um rei lombardo, que a 22 de novembro de 643 d.C. fez publicar um édito que, entre outras coisas, também se referia aos comacinos. O título do Artigo 143 desse édito era Dos Mestres Comacinos e seus Colégios. O Artigo 144 dispunha: “Se uma pessoa qualquer empregar ou contratar um ou mais mestres coma-

cinos para projetarem uma obra (.....) e acontecer de um comacino ser morto, o proprietário da obra não será considerado culpado.” Pode-se inferir daí que os comacinos constituíam um poderoso corpo contra o qual o rei achava que seus súditos deveriam ser protegidos. Joseph Fort Newton, em seu livro maçônico *The Máster Builders*, fala de uma pedra gravada no ano 712 que mostrava que a guilda dos comacinos estava organizada em três classes: *discipuli et magistri* (aprendizes e mestres – como do Estatuto de Bolonha, de 1248) sob as ordens de um gastaldo, um Grão-Mestre.” [2]

No período coberto pelo livro de Leader Scott diversas igrejas e mosteiros beneditinos já haviam sido construídos na Lombardia, próximo ao Lago de Como antes e depois da conquista do norte da Itália pelos Lombardos. Entre eles:

- **Basilica di San Fedele** (antiga Santa Euphemia) em Como.
- **Mosteiro de San Pietro al Monte** em Civate fundada no século VII.
- **Basilica di Sant’Abbondio** em Como
- **Abadia de Santa Maria (Santa Justina)** em Piona.
- **Mosteiro de Santa Maria del Tiglio** – Também conhecido como Mosteiro de San Pietro in Vallate, Foi fundado no século VIII.
- **Abadia de San Donato**: Localizada em Civate, esta abadia remonta ao século VII.
- **Mosteiro Cisterciense di Piona**: Este mosteiro está localizado em Piona, perto de Colico, e também remonta ao século VIII.
- **Mosteiro de San Benedetto** in Val Perlana – Este mosteiro beneditino foi fundado no século VIII e está localizado em Lenno, na margem ocidental do lago.

Vemos, dessa forma, que os Beneditinos sempre estiveram envolvidos com a construção de edifícios eclesiásticos desde o início da fundação da Ordem e, curiosamente, as construções apresentam uma semelhança muito grande em seus estilos.

Essa semelhança amplamente distribuída geograficamente por toda a Europa, leva inexoravelmente à conclusão de que os Beneditinos ou são os herdeiros dos Colégios Romanos de Construtores e deram origem a guildas leigas de maçons operativos, ou ela protegeu e protege ainda, empregou e emprega ainda as guildas leigas originárias dos Colégios Romanos, viabilizando tanto o seu tráfego livre por

toda a cristandade quanto a sua sobrevivência como guilda de maçons operativos.

“Um dos mais antigos registros de lojas maçônicas se encontra na cidade alemã de Hirschau (agora Hirsau) no atual estado de Baden-Württemberg. As lojas Maçônicas instituídas na cidade de Hirschau no final do século XI trabalhavam sob a ordem beneditina da Alemanha, e foram as primeiras a estabelecer o estilo gótico de arquitetura.” [3]

O aspecto mais importante e revelador dessas eventuais conexões e que de certa forma corroboram a hipótese que formulamos aqui, é o estilo das construções situadas em pontos extremos da Europa e a velocidade da implantação de estilos novos, como o gótico, entre esses pontos geográficos.

O arco românico,



Igreja de San Marin Segovia,
Espanha – Séc. XII



Porta de Acesso ao Claustro do
Mosteiro de S. Bento, São Paulo,
Brasil – Séc XX



Portalle no Mosteiro Beneditino
Sacra de S. Micheli – Turim, Itália –
Sec. XII a XV

as janelas lombardas,



o arco ogival ou gótico,



o formato de basílica



apontam para um intercâmbio de informações que faria todo sentido na hipótese de a Ordem Beneditina em particular ou a Igreja em geral ser a entidade protetora

das guildas de construtores.

Vemos mosteiros beneditinos localizados em latitudes tão extremas quanto Iona, na Escócia:



O mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai com seus arcos românicos e janelas lombardas, na Península de Sinai, próximo a Sharm el Sheikh:



o claustro do Mosteiro de São Martinho de Tibães em Braga, Portugal:



o Mosteiro de Tyniec em Cracóvia, Polônia.



E isso nos leva, finalmente, ao Mosteiro de São Bento de São Paulo, mais particularmente a Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção.



Construída entre 1910 e 1922, quando o concreto armado ainda não chegara ao Brasil, segundo um projeto do arquiteto alemão Richard Berndt em estilo neo-românico, reproduz quase perfeitamente uma basílica lombarda do início da idade média. Digo quase perfeitamente, porque o arquiteto sacrificou as ábsides tanto da nave central quanto de uma das naves laterais, mutilando o que seria uma planta perfeita de basílica medieval.

Muito provavelmente, isso foi consequência de limitações do terreno disponível que não comportava toda a extensão da basílica ou talvez ele tenha aproveitado uma planta medieval original, mas teve que improvisar para ajustá-la ao terreno disponível. Penso que essa hipótese seja bastante forte, pois caso o arquiteto dispusesse com antecedência do levantamento do terreno disponível, ele teria desenhado a basílica em sua forma perfeita. Mas, o que fez foi manter a planta proporcional, cortando as ábsides características da basílica. De toda forma isso foi muito prejudicial. A ábside da nave central que deveria ser semicircular ficou reta e a uma das ábsides simplesmente desapareceu. Um mini-nártex foi construído na entrada da basílica, onde dois arcos românicos e colunas duplas reproduzem o estilo lombardo dos claustros medievais.



Colunas de claustro



Nartex da Basílica



Colunas de claustro
medieval

A basílica merece um estudo e uma cobertura fotográfica mais completa e detalhada, feito por um arquiteto. Não tivemos a oportunidade de visitar o claustro que, certamente, merece uma visita e estou certo de que será surpreendente.

Na extremidade do complexo, a fachada da Faculdade e Colégio de São Bento, mostra um estilo lombardo perfeito, e as janelas da secção do edifício situada entre a Padaria e o colégio também são lombardas e mantém o estilo lombardo da fachada tomada como um todo.

A arquitetura do local se inspira no estilo eclético neorromânico germânico, enquanto sua decoração interna teve planejamento e execução do monge beneditino holandês Dom Adalbert Gresnigt (1877-1956) auxiliado pelo Ir. Clemente Maria Frischauf (1869-1944) que vieram ao Brasil especialmente para trabalhar na obra. Pendendo corroboração, é de se acreditar que Richard Berndt, o arquiteto, também pertencesse à Ordem como oblato.

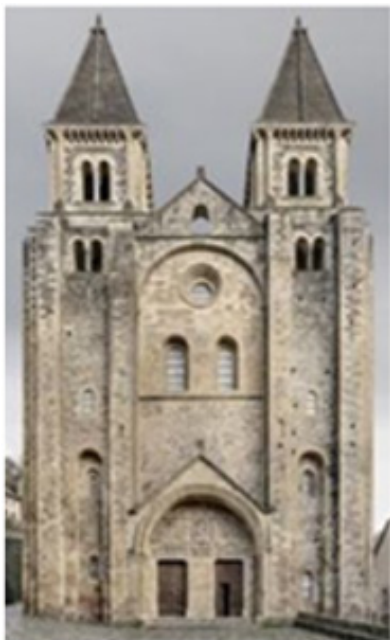
Ele era filho de um mestre marceneiro alemão que, se considerarmos os precedentes encontrados até agora, também devia pertencer à Ordem Beneditina.

Os edifícios beneditinos e cistercienses (lembrando que a Ordem Cisterciense são os beneditinos radicais) no Brasil receberam uma contribuição muito grande dos beneditinos alemães, e a Abadia Cisterciense de Itatinga é uma abadia alemã fundada em 1140 d.C. que foi transferida da Alemanha para o Brasil, também construída em forma de basílica medieval



Mosteiro de São Bento em São Paulo.

Sua arquitetura tem a flagrante semelhança a diversas igrejas medievais europeias, entre elas:



Sainte- Foy de Conques
Séc. XII



Mosteiro São Bento – S.Paulo
Séc XX



Southwell Minster – Inglaterra –
Séc. XII-XIII

Também a fachada do Colégio de São Bento apresenta elementos arquitetônicos lombardos, característicos das construções medievais beneditinas da idade média.



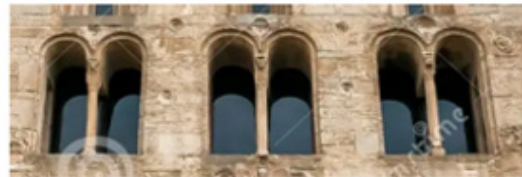
O Colégio



Fachada da Entrada do Colégio S. Bento



Janela Lombarda de três luzes



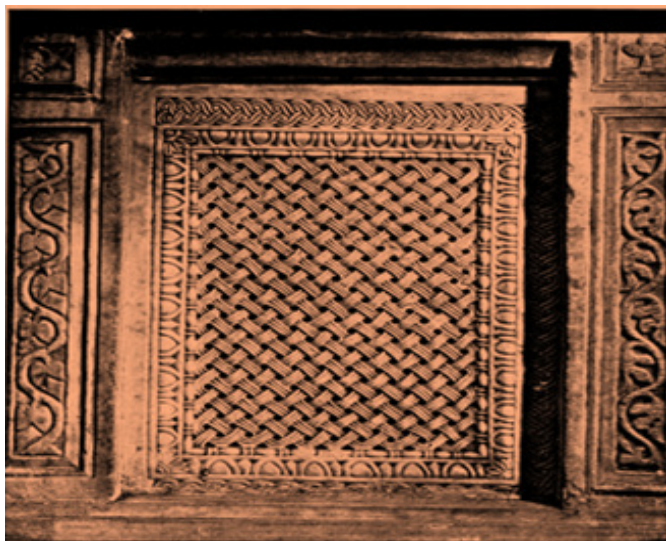
Janela Lombarda de duas luzes

As janelas lombardas eram usadas para aliviar o peso do material das paredes e isso permitia construir torres mais altas. Um bom exemplo é a torre da Igreja de Santa Maria em Cosmedin com oito andares, onde o emprego da janela de três luzes nos quatro lados da torre é notável.



No século VI, os primeiros construtores que aparecem na história são os Mestres Comacines. Eles construía segundo o estilo tradicional romano, usando material reciclado dos templos pagãos de deuses obsoletos e tinham estilos de decoração característicos.

Um deles era o intreccio, um painel esculpido em pedra ou madeira, em que um único fio tecia um padrão trançado, sem interrupção, representando a eternidade. Vejamos aqui um desses:



Painel Comacine da Igreja S. Clemente - Roma - Século VI



Painéis Comacine decorados dos Séculos IX - XI



Intreccio em pedra (pia batismal em Toller Fratum, Inglaterra - Século XII

Na Basílica Abacial do Mosteiro de São Paulo, encontramos dois púlpitos lavrados em madeira que mostram esse padrão característico dos Mestres Comacines. À esquerda vemos o púlpito e à direita o detalhe do entalhe em madeira.



Um dos púlpitos de São Bento, em madeira. Detalhe de intreccio à direita

Decoração



Decoração no Mosteiro à esquerda e um Capital Comacine na cidade de Como, Itália



Decoração medieval em Lucca, à esquerda, comparada à decoração em Southwell Minster- Séc, XIII

Portas

As portas da basílica, guardadas as devidas proporções também são um exemplo do estilo medieval.



À esquerda a Porta do Batistério de San Giovanni - Florença - Século XIV e à direita detalhes da Porta da Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento



Mais detalhes da porta da Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento em São Paulo, Brasil

O Claustro

Não visitamos o claustro do Mosteiro, que nos parece ser bem modesto, se comparado a maravilhosos claustros beneditinos encontrados pelo mundo afora. Conseguimos apenas uma foto que permite somente ter uma ideia dos elementos arquitetônicos.



Claustro do Mosteiro de São Bento - São Paulo - Brasil

A Nave



Nave Central da Basílica do Mosteiro de São Bento - São Paulo - Brasil

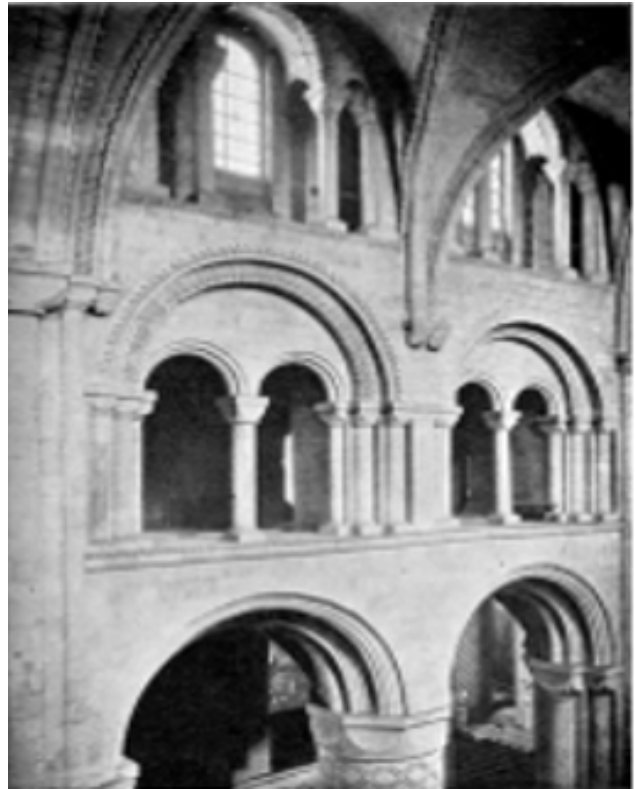


Mosteiro beneditino de Ripoli - Catalunha- Século XII

Trifório e Clerestório



Trifório e Clerestório da Basilica Abacial de São Bento - São Paulo - Brasil - Século XX



Trifório e Clerestório da Catedral de Durham - Século XI

E, finalmente, alguns exemplos da decoração bizantina das igrejas medievais lombardas da idade média:



Basílica de São Bento, São Paulo, Brasil



Igreja Chora, em Istambul - Século XIII

Conclusão

A busca por obras de arte arquitetônica em outros países pode ser uma experiência enriquecedora e educacional, mas também é importante reconhecer e valorizar as impressionantes obras de arquitetura eclesiástica que existem em nosso próprio país. O Brasil possui uma rica herança de arquitetura religiosa que abrange diversos estilos e períodos históricos, o que torna a busca por essas maravilhas arquitetônicas dentro do país igualmente gratificante e significativa.

Aqui estão algumas razões para apreciar e valorizar as obras de arquitetura eclesiástica brasileira: **Diversidade de Estilos:** O Brasil abriga uma ampla gama de estilos arquitetônicos em suas igrejas e edifícios religiosos, desde exemplares medievais como o Mosteiro de São Bento, até o esplendor barroco das igrejas em cidades históricas como Ouro Preto e São João del-Rei, passando por obras modernas notáveis como a Catedral de Brasília e a Ermida de Dom Bosco. Essa diversidade reflete as influências culturais e históricas ao longo dos séculos.

Preservação da História: As igrejas e edifícios religiosos do Brasil carregam consigo a história do país. Muitas delas são testemunhas de eventos importantes e refletem a fé, a cultura e a identidade das comunidades locais. Preservar e apreciar essas estruturas é uma maneira de conectar-se com o passado e manter viva a rica herança cultural do Brasil.

A preservação e promoção da arquitetura eclesiástica podem impulsionar o turismo cultural, contribuindo para a economia local e a valorização da cultura brasileira e valorizar e celebrar as obras arquitetônicas do Brasil é uma demonstração de orgulho nacional. É uma maneira de destacar as conquistas do país em termos de arquitetura e cultura.

É importante lembrar que a apreciação da arquitetura não se limita ao local de origem. Explorar e admirar obras arquitetônicas em outros países também pode ser enriquecedor, pois amplia nossa compreensão global da arte e da cultura. No entanto, é igualmente importante reconhecer a riqueza das criações arquitetônicas que temos em nosso próprio país e preservá-las para as gerações futuras.

Bibliografia

Scott, Leader - OS CONSTRUTORES DA CATEDRAL: A HISTÓRIA DE UMA GRANDE GUILDA MAÇÔNICA, Tradução José Filardo, Ed. Clube de Autores - São Paulo, 2023

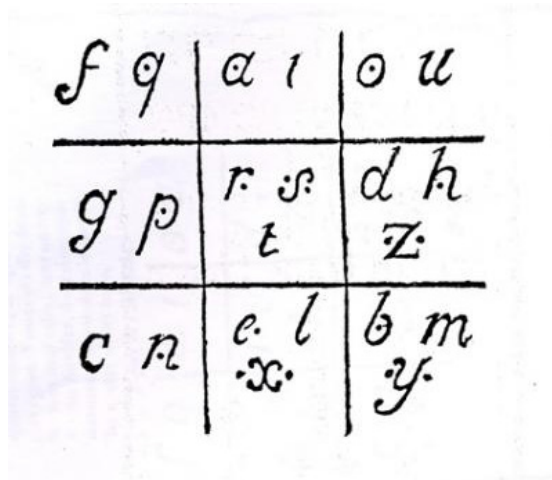
Wikipedia - <https://pt.wikipedia.org/>

<https://www.maconaria.net/benfeitores-da-humanidade-os-mestres-comacinos-e-a-geometria-sagrada/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Berndl

O alfabeto maçônico: mensagem codificada, o legado do quadrado mágico do mundo antigo

Por Irene Mainguy



A adoção do alfabeto maçônico parece ser uma inovação francesa que apareceu pouco depois da introdução da maçonaria na França. Ele rapidamente se tornou muito popular e foi publicado em muitas divulgações.

O princípio do alfabeto maçônico aparece por volta dos anos 1745 com as primeiras divulgações do catecismo francês dos maçons por Louis Travenol, vulgo Gabanon em 1744 no *Sceau Rompu* em 1745 e no *Anti-Maçons* em 1748. Depois de 1744, o alfabeto maçônico foi reproduzido nas divulgações e também é encontrado nos principais manuais do século XIX.

Desde a sua introdução, o alfabeto maçônico evoluiu, e é por isso que existem muitas variações. A codificação de uma carta torna difícil sua leitura, se você não tem a chave do código.

A Estrutura

O alfabeto é inscrito em um quadrado formado por duas linhas paralelas verticais, cortadas por duas linhas horizontais igualmente paralelas. Este quadrado produz nove caixas, tanto abertas quanto fechadas. Elas contêm o alfabeto comum. Muitas letras são diferenciadas por um ou dois pontos. Para tirar dessa figura o alfabeto maçônico, basta remover essas letras e representar em seu lugar as caixas onde elas estão, seja sem ponto, ou com um ou dois pontos. Estas nove caixas assim divididas formam, com a ajuda de pontuação, que as distingue no seu uso duplo e triplo, os caracteres da escrita maçônica. Estas foram rapidamente suplantadas por alfabetos, onde a dupla pontuação foi abandonada em favor da cruz de St. Andrew, onde as letras são dispostas nas caixas segundo uma regra regular simples.

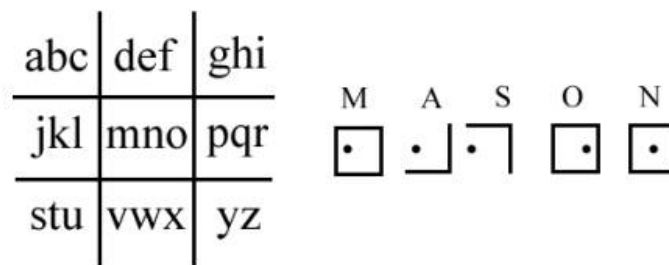


Figure 1 - The Rosicrucian Cipher. The Rosicrucian cipher uses a combination of the partial shape of the box in which a letter is contained and a dot (•) which signifies the position of the desired letter in that box.

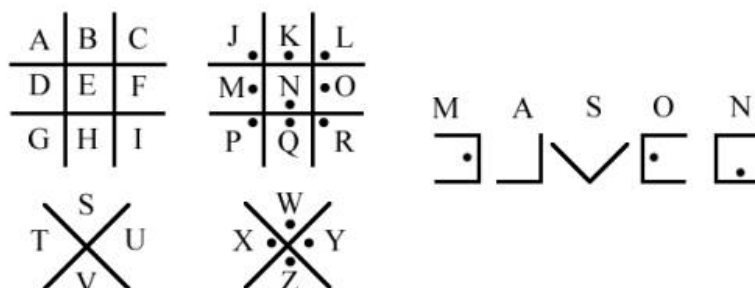


Figure 2 - The Freemasons' Cipher. The Freemason's cipher uses two boxes, and two "X"-shaped grids, each containing a single letter, with the second of the two boxes and grids containing a dot.

Um empréstimo aos Tempos Antigos

Mais uma vez a Maçonaria fez um empréstimo de algo que existia anteriormente. Na verdade, o alfabeto maçônico é herdado dos quadrados mágicos que foram usados desde tempos antigos. Porfírio fez uma referência nos registros criptografados e Honorius de Tebas deu seu nome a um destes alfabetos. Eles foram encontrados pelos esoteristas árabes do final do século oitavo, desenvolvidos e organizado pelo cabalistas judeus, e adaptados por ocultistas e hermetistas cristãos ao longo da Idade Média e do Renascimento. Esse alfabeto é baseado em uma grade de criptografia diretamente inspirada no quadrado de 3. Ele contém a chave geométrica que permite encontrar facilmente a todas as formas elementares do triângulo, assim como a linha reta, os esquadros com o ponto no centro da estrutura.

Esse uso também é encontrado no livro A Filosofia Oculta ou a Magia de Henri Corneille Agrippa. Este estudo mostra a prática dos cabalistas judeus que costumavam codificar a língua hebraica. Eles dividiam os vinte e sete caracteres do alfabeto hebraico (22 + 5, contando as formas finais das letras) pelos nove caixas em um quadrado, com três letras por caixa e usando uma dupla pontuação. Hoje, o alfabeto maçônico tornou-se um elemento que parece um pouco folclórico para nossos contemporâneos e que a maioria das pessoas ignora. No século XVIII, esta prática correspondia a uma cultura que cultivava o gosto pelo oculto e o secreto. Ele já não reflete a mentalidade atual.

A Palavra Huzzé: Origem e Significado

Por Fabio Pedro-Cyrino



A palavra Huzzé é utilizada como exclamação, ou aclamação, dentro dos rituais do Rito Escocês Antigo e Aceito. Sua origem dentro da estrutura do Rito Escocês Antigo e Aceito é incerta; nos primeiros rituais dos graus simbólicos, editados pelo Grande Oriente de França em 1804, não consta nenhuma interjeição ou aclamação quando da abertura e encerramento dos trabalhos maçônicos.

A primeira menção que ocorre a essa exclamação aparece no ritual do Rito Escocês Antigo e Aceito publicado pelo Grande Oriente de Bélgica em 1820 e aparece com a grafia Houzzai, que nada mais é que a transcrição fonética francesa para a palavra inglesa Huzzah.

Nos rituais editados pelo Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para a Jurisdição Meridional dos EUA em 1872 revisados por Albert Pike surge a palavra Huzza, sem o “H”, e Albert Mackey em sua Enciclopédia da Maçonaria, publicada em 1873, apenas consta no verbete Huzza, como sendo a saudação do Rito Escocês Antigo e Aceito, sem maiores explicações.

Segundo o Oxford English Dictionary a definição para a palavra Huzzah é a seguinte:

HUZ·ZAH ou também HUZ·ZA

Interjeição; Expressão de alegria ou encorajamento; Expressão de triunfo ou aprovação. Substantivo Um grito de huzzah; ou um grito de hurrá; Uma saudação.

Etimologia

Variação do inglês arcaico medieval derivada da palavra franco-normanda, hisser: hastear

O dicionário não menciona qualquer forma específica de derivação. Consideram-se duas origens para a expressão, uma literária e outra militar.

Os primeiros registros literários aparecem em 1573 e constam de algumas peças de William Shakespeare, entre elas “A Tragédia de Macbeth” e “Othelo, o Mouro de Veneza”. De acordo com um grande número de escritores dos séculos 17 e 18, Huzzah era originalmente utilizada como uma saudação dos marinheiros ingleses como forma de saudação e quando em brindes por alguma vitória, ou mesmo quando grandes oficiais embarcavam ou desembarcavam das naus capitâneas.

O escritor e cronista inglês John Dunton (1659-1733), em sua obra “Cartas da Nova Inglaterra”, publicado em 1686, registra o costume militar de se saudar as autoridades com gritos de Huzzah:

“Nosso Capitão, ordenou uma salva de tiros completa com todos os canhões de nossa embarcação; a cada disparo, os céus se encheram de gritos de júbilos e saudações e ouvíamos por todos os lados Huzzahs e Hurrahs”.

O poeta Alexandre Pope, em sua obra “Um Ensaio sobre o Homem”, publicado em 1734, também apresenta Huzzah como uma interjeição de saudação. As últimas menções a Huzzah na literatura inglesa aparecem no século 19.

Charles Dickens, na obra “Oliver Twist”, publicado entre 1837-39, mostra:

“Fortes batidas, grossas e pesadas, sacudiram as portas e as janelas inferiores, bem como as persianas de toda a construção; e assim que ele deixou de falar surgiu uma explosão de huzzahs do meio da multidão”.

E Mark Twain a apresentou na obra “Tom Sawyer”, publicada em 1876:

“... a população se reuniu em torno de si... e varreu magnificamente as ruas principais com gritos de huzzahs após huzzahs!”

Huzzah pode ser categorizada no mesmo patamar de outras interjeições inglesas, como hoorah ou hooray. De acordo com os Dicionários Ingleses, sobretudo o Oxford English Dictionary, Huzzah seria uma forma mais literária e dignificante, enquanto que hooray seria uma aclamação mais popular, sendo encontrada nos dialetos das periferias de Londres. A prova disto pode ser encontrada nos gritos de saudação das equipes de remo do Magdalene College, da Universidade de Cambridge, que celebram suas vitórias com três saudações de “Huzzah”.

De qualquer forma, a origem da palavra não está de toda clara, mas pode estar associada aos gritos de guerra dos pelotões militares, sendo encontrada entre as tropas inglesas, escocesas, suecas, dinamarquesas, alemãs, russas e prussianas. Há até uma palavra muito semelhante, de origem mongol, remontando aos primeiros anos do século 13, com a mesma significação de saudação e júbilo.

O fato é que, ao longo dos séculos 17 e 18, Huzzah foi identificada como um grito de guerra das tropas avançadas da marinha inglesa, bem como do exército e do corpo de Granadeiros Britânicos. Durante o século 18, três “huzzahs” eram dados pela infantaria britânica antes do toque de carga,

como meio de reforçar a moral das tropas e intimidar os inimigos. O livro “Casacas-vermelhas: Os soldados britânicos na era da cavalaria e dos mosquetes”, de autoria do Brigadeiro Edward Richard Holmes (1946), historiador militar inglês, indica que eram dados dois gritos curtos de “huzzah”, seguidos de um terceiro mais longo, antes do toque dado pelos clarins. A mesma palavra foi incorporada à “Canção dos Granadeiros”, de 1745, cuja tradução livre segue abaixo:

“E quando o cerco se levanta,
Para a cidade nos dirigimos,
Para nos unirmos aos cidadãos
Com gritos de ‘Huzzah, meus bons rapazes,
Já chegam os Granadeiros!’
Toda cidade os recebe.
‘Huzzah, meus bons rapazes,
Já chegam os Granadeiros!’
Quem os conhece não dúvida de sua coragem
Cantemos, cantemos e exultemos
Huzzah para os Granadeiros!”

De qualquer forma, a vinculação da palavra à Maçonaria é evidente: A pretensa origem do Rito de Heredom, do qual o Rito Escocês Antigo e Aceito derivou posteriormente, vinculado às tropas escocesas que acompanharam o exílio da família Stuart em França poderia ser uma indicação de sua adoção como grito de aclamação ou de júbilo dado no início e término dos trabalhos. Outro fator é a vinculação do Rito de Heredom e do Rito Escocês Antigo e Aceito às tropas prussianas de Frederico II, segundo consta a lenda, o organizador do Rito na Europa.

Argumentos tais como que esta exclamação prepararia no início dos trabalhos o ambiente espiritual, afastando os resquícios de vibrações negativas trazidas para dentro do templo por Irmãos, e que ao término dos mesmos aliviaria as tensões surgidas, levando-se em conta aspectos místicos, físicos e psíquicos, não cabe em qualquer trabalho mais sério que pretenda investigar histórica e fundamentalmente a Maçonaria.

O importante é a consciência de que a palavra Huzzah e suas corruptelas afrancesada e aporuguesada, Huzzai e Huzzé, respectivamente, apenas significam um grito de saudação, ou como consta literalmente em nossos rituais, um grito de aclamação, não possuindo nenhum outro significado maior ou esotérico. É apenas um grito de exaltação como os constantes dos demais Ritos, como “Vivat, vivat, vivat”, do Rito Adonhiramita, e “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, do Rito Moderno.

Palácio da Memória: Crie sua técnica de memorização

<https://artofmemory.com/>



Como construir um palácio da memória

Um Palácio da Memória é um local imaginário em sua mente onde você pode armazenar imagens mnemônicas. O tipo mais comum de palácio da memória envolve fazer uma viagem mental por um lugar que você conhece bem, por exemplo, um edifício ou cidade. Ao longo dessa jornada, há locais específicos que você visita sempre na mesma ordem. Os locais são chamados loci, que é latim para locais. (singular: locus, plural: loci)

Como criar um Palácio da Memória

- Passo 1: Para o seu primeiro palácio de memória, tente escolher um lugar que você conhece bem, como sua casa ou escritório.
- Passo 2: Planeje todo o trajeto — por exemplo: porta da frente, sapateira, banheiro, cozinha, sala, etc. Algumas pessoas acham que ir no sentido horário é útil, mas não é necessário. Eventualmente, você terá muitos palácios de memória. Você também poderá revisar o palácio da memória depois de testá-lo algumas vezes, então não se preocupe se ele não for perfeito na primeira tentativa.
- Passo 3: Agora faça uma lista de algo que você deseja memorizar — uma lista de compras com 20 itens é um bom lugar para começar: cenoura, pão, leite, chá, aveia, maçã, etc.
- Passo 4: Pegue um ou dois itens de cada vez e coloque uma imagem mental deles em cada locus do seu palácio da memória. Tente exagerar as imagens dos itens e fazer com que eles

Criando o Palácio da Memória

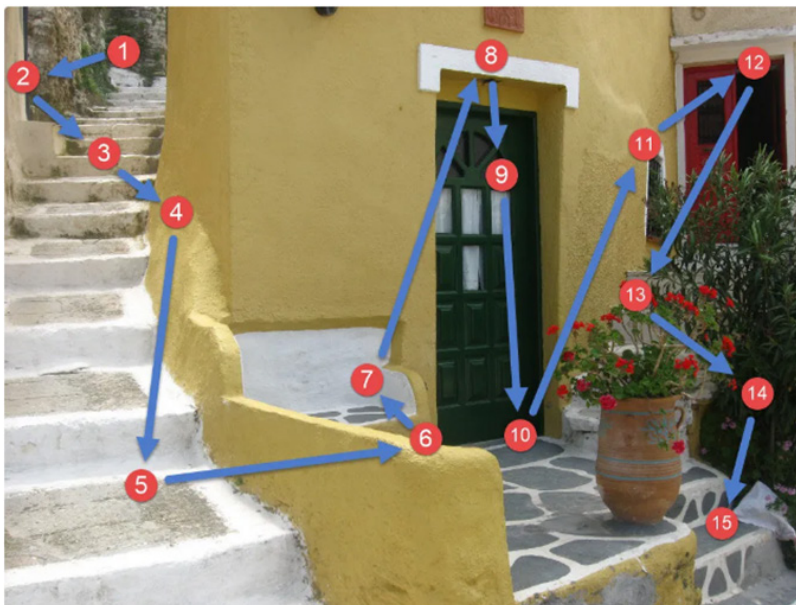
Vamos criar o nosso palácio da memória neste local:



Depois de ter escolhido um cenário para o seu palácio da memória, encontre uma sequência de pontos dentro do local armazenar memórias. Esses locais nunca mudarão. Você vai sempre analisá-los na mesma ordem. Se você ainda não tem uma preferência, talvez seja melhor organizar seus locais no sentido horário, de cima para baixo ou da esquerda para a direita. Não se preocupe com isso por enquanto. Neste exemplo, os locais foram escolhidos para você.



Observe que eles seguem um trajeto coerente pelo local



Você não está limitado a apenas uma área estreita. Você pode usar a mesma técnica andando pela sua cidade ou por um prédio, e escolhendo locais ao longo do caminho.

Neste exemplo, os locais são:

- O topo das escadas
- A saliência ao lado das escadas
- As escadas ao lado da borda
- A parte inclinada da parede
- O degrau inferior
- Em cima da parede
- No banco
- No buraco acima da porta
- Espreitando através de uma das janelas
- Em frente à porta
- Pendurado nas grades sobre a janela
- Dentro da porta
- Entre as flores vermelhas
- Escondendo-se nos arbustos
- No degrau

É útil caminhar mentalmente pelo caminho várias vezes até que você possa fazê-lo com os olhos fechados. Também tente caminhar mentalmente pelo trajeto para trás para ter certeza de que você pode fazê-lo em ambas as direções.

Colocando as memórias

Basicamente, você fará representações visuais (imagens mnemônicas) para cada uma das coisas que deseja lembrar.

Vamos criar e colocar imagens!

Primeira Localização

Aqui está uma imagem de referência para os primeiros locais:



A primeira localização em nosso palácio da memória é no topo das escadas à esquerda.

O primeiro elemento da tabela periódica é o hidrogênio. Precisamos de uma imagem mnemônica para representar o hidrogênio. Pode ser o Sol (que é principalmente hidrogênio), ou talvez água (H₂O).

O processo de criação de imagens mnemônicas se torna muito mais fácil com a prática, então não desanime se for preciso um pouco de esforço no início para pensar em algo memorável.

Eu imaginaria uma foto do Sol no local #1.

Segunda Localização

O segundo local é a saliência ao lado das escadas. O segundo elemento é o hélio. Imagine um balão de hélio amarrado à pedra na posição #2.

Terceira localização

O terceiro local é nas escadas ao lado da borda. O terceiro elemento é o lítio. Uma imagem para lítio poderia ser uma bateria de lítio.

Você podia imaginar uma bateria rolando pelas escadas.

Quarta Localização

O quarto local é na base inclinada da parede. Neste local, armazenaremos uma memória que representa o berílio.

A palavra “berílio” me lembra “mirtilo”. Eu imaginaria um pote de geleia de mirtilo sendo esmagado contra a parede.

Quinta Localização



No quinto local (o lance de escada), colocaremos uma imagem para representar o boro.

“Boro” lembra “bordado”, então coloque uma imagem de um bordado ali.

Sexta Localização

O sexto elemento é o carbono. Uma boa imagem mnemônica para “carbono” é “carvão”. Imagine uma churrasqueira sobre a borda.

Sétima Localização

O sétimo elemento é o nitrogênio. Uma imagem que soa como “nitrogênio” é “gênio”. Imagine o Stephen Hawkins sentado no degrau.

Oitava Localização



O oitavo elemento é o oxigênio. Quando penso em oxigênio, imagino um traje espacial. Eu imaginaria um astronauta com um tanque de oxigênio flutuando na posição #8.

Nona Localização

O elemento #9 é o flúor. “Flúor” lembra pasta dental. Imagine limpar os vidros da porta com escova e pasta de dente.

Décima Localização



O décimo elemento é o neon. Imagine um letreiro de néon ao pé da porta. Talvez você esteja quebrando um sinal de neon nas pedras lá.

Décima primeira localização



O décimo primeiro elemento é o sódio. Você pode imaginar um saleiro dependurado na parede ou sendo empurrado para fora da janela.

Décima segunda localização

O décimo segundo elemento é o magnésio. Eu imaginaria uma grande embalagem de leite de magnésia perto da porta.

Décima terceira localização



O décimo terceiro elemento é o alumínio. Imagine papel alumínio enrolado ao redor da planta.

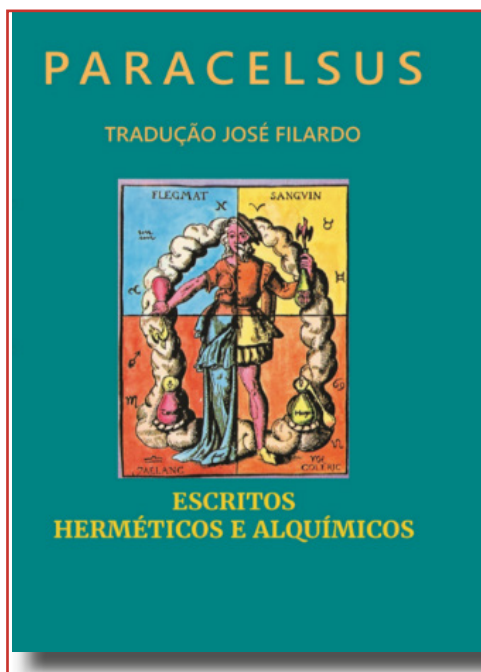
Décima Quarta Localização

O décimo quarto elemento é o silício. Imagem chips de computador de silício dependurados na posição #14.

Décima Quinta Localização

O décimo quinto elemento é o fósforo. Tudo o que uma imagem mnemônica precisa fazer é passar da ponta do efeito à língua. Imaginar uma grande caixa de fósforos sobre o degrau deve ser suficiente para ajudá-lo a se lembrar do fósforo, pelo menos depois de caminhar mentalmente pelo palácio da memória algumas vezes.

Repita o processo usando outros cenários e imagens mnemônicas, até se sentir confortável e ver se o processo funciona.



Este volume contém 5 obras do alquimista, médico, astrólogo, hermeticista suíço-alemão Philippus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, conhecido como Doutor Paracelsus. (1493 - 1541) São elas Coelum philosophorum, A Tintura dos Filósofos, O Tesouro de Tesouros, A Aurora dos Filósofos, Catecismo Alquímico, mais um artigo de Benedictus Figulus. Não é garantido que o leitor conseguirá transmutar chumbo em ouro, ou conseguirá o elixir da juventude, mas segundo Paracelso, quem souber ler as entrelinhas e aprender o significado das suas palavras estará muito próximo de realizar a sua Magna Opera.

Para comprar clique no link:

<https://clubedeautores.com.br/livro/escritos-hermeticos-e-alquimicos-2>

Como deve se vestir o maçom em loja?

por J. Filardo M. I.



Todos nós aprendemos, ao ingressar na Maçonaria que a indumentária do maçom é o avental. Com efeito, o avental existe, entre outras interpretações esotéricas e fantasiosas, para distinguir o grau em que se encontra o maçom. Algo como as divisas militares que indicam o posto.

Assim, basicamente existem três aventais: avental de Aprendiz, avental de Companheiro e avental de Mestre, correspondendo aos três graus da maçonaria simbólica.

O Aprendiz enverga um avental simples, branco, com a aba triangular desdobrada para cima:



Depois de passar pelo aprendizado básico e tendo sido considerado que aprendeu o tinha que aprender como Aprendiz, ele é promovido e passa a usar o mesmo avental, só que a aba, antes desdobrada, é agora dobrada para baixo:



Passado período de formação e tendo provado que absorveu os ensinamentos do seu grau, o maçom torna-se Mestre Maçom, onde passa a usar um avental distinto, cuja cor variará conforme o rito e a potência maçônica a que pertence.

Em sua maior parte, os aventais de Mestre são brancos, com bordas azul claro, mas também podem ser brancos com borda vermelha, branco com borda azul-marinho, branco com borda azul claro e vermelho, branco com borda vinho, ou seguir a cor escolhida pela potência nacional, mas em geral seguem o mesmo formato. Alguns exemplos:



Mas, o que importa é que o Aprendiz usa avental branco com a abeta levantada, o Companheiro usa avental branco com a abeta abaixada e o Mestre usa um avental branco com borda colorida. Alguns ritos e potências adicionam rosetas, inscrições símbolos, de acordo com elementos desenvolvidos no ritual.

Quando o Mestre Maçom é eleito Presidente da loja, que na Maçonaria se chama Venerável da Loja, ou Mestre da Loja, ele passa a usar um avental distinto, para que seja reconhecido como tal, e goze dos direitos que sua condição de ex-presidente da loja lhe asseguram. Em geral eles se parecem com isso:



Dessa forma, o Mestre de Cerimônias saberá que deve convidar aquele irmão a se sentar no Oriente, junto ao Venerável.

Atualmente, os aventais são bastante padronizados, o que não acontecia antigamente, quando o maçom customizava seu avental, criando verdadeiras obras de arte das quais temos exemplos em museus:

Este, por exemplo, seria o avental de Voltaire:



ou estes outros:



Como falaremos somente da Maçonaria simbólica, não apresentaremos aventais dos chamados Altos Graus, pois esses fazem parte de uma organização distinta da Maçonaria.

Com o passar dos anos e devido à mentalidade estreita de alguns maçons, começaram as invencionices de gravata de grau, obrigatoriedade de uso de paletó e gravata, restrições ao uso da veste talar negra, chamada de balandrau, enfim, uma série de modificações na ideia central de que a indumentária maçônica é o avental.

Resolvemos, assim, dar um passeio pelo mundo e mostrar como é diversificada a noção de vestimenta obrigatória em loja.

O padrão mais adotado é o padrão dos Modernos da Grande Loja da Inglaterra: avental sobre o paletó, bem na cintura, o que produz grande dificuldade para os irmãos obesos que precisam escolher entre usá-lo abaixo da cintura e o avental desaparecer, ou usá-lo acima da cintura e este se transformar em uma mesinha de café da manhã.

Diferente é o caso do Duque de Kent, o Papa da Maçonaria conservadora, esbelto, o avental lhe cai bem:



GM da GLUI, Brother Duque de Kent

Este modelito é acompanhado por diversas outras potências em diferentes países, como veremos a seguir.

Alemanha



Espanha



França

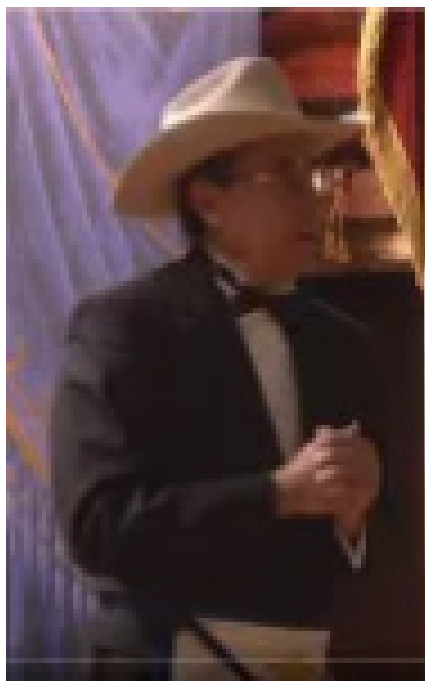


Itália



E algumas potências americanas:

Texas



Alabama



Illinois



Washington



Brasil



Canadá



E, claro, o uso do terno se justifica. São países frios, principalmente o Brasil no mês de fevereiro. Também o Balandrau é usual em Lojas brasileiras:



principalmente em lojas do Rito Moderno, onde há mais tolerância.

No entanto, nem tudo está perdido, há exemplos de racionalidade na Maçonaria. Vejamos o caso do Canadá, onde o maçom é livre para usar a roupa que quiser, desde que use o avental:



Porém, o troféu de campeões de inteligência e racionalidade fica com

Filipinas:



Cuba



Já o troféu de elegância no estilo dos maçons Antients fica como segue:

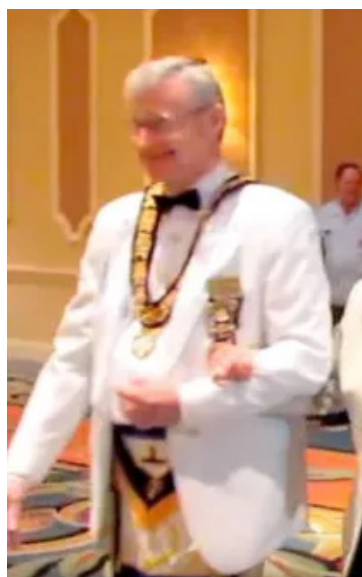
Terceiro lugar: Escócia



Segundo lugar: A Irlanda



E o Primeiro lugar vai para os irmãos do Rito de York (Antients) da Flórida, com seus aventais colocados sob o paletó de cor clara, que afinal ninguém é de ferro para suportar o calor da Flórida.



Como se pode ver, não existe consenso quanto à verdadeira indumentária maçônica, ou sobre a forma de se usar o avental. Por esse motivo, alguns irmãos da Loja Fernando Pessoa 4001 do Rito Moderno – GOSP, como eu, usamos o avental de acordo com o costume irlandês, quando frequentamos a loja usando paletó e gravata (borboleta). –

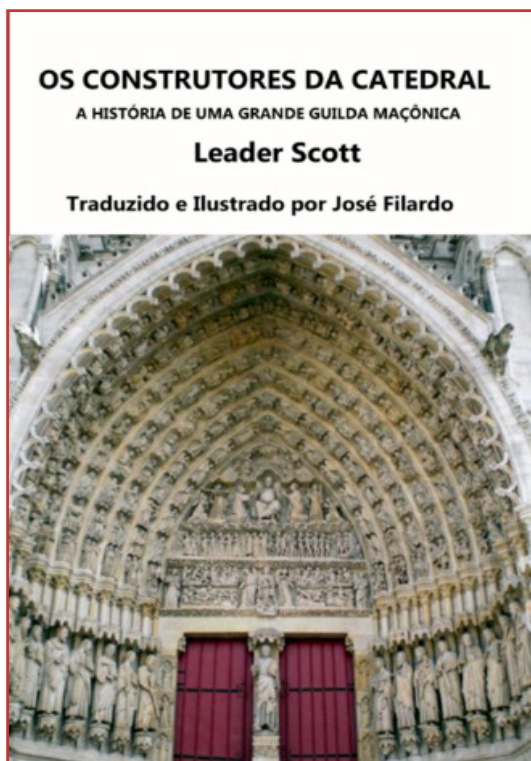


em sessões econômicas

ou



em sessões magnas.



Um livro precioso, inédito em língua portuguesa, ilustrado com fotos que tornam palpáveis as referências do autor. Inclui índice remissivo, o que o torna uma ferramenta de pesquisa e é muito bonito, com a primorosa impressão do Clube de Autores. Conta uma história e ao mesmo tempo nos ensina a reconhecer estilos, características e costumes medievais das grandes catedrais europeias.

Pode ser comprado em cores e em preto & branco. Naturalmente, a edição colorida é muito mais satisfatória. É um livro que toda pessoa que viaja à Itália deveria ler, antes de embarcar.

Para comprar clique no link:

<https://clubedeautores.com.br/livro/os-construtores-da-catedral-2>



Maçonaria Dissecada de Samuel Prichard foi uma das mais importantes Divulgações, ou Revelações publicadas na Inglaterra no Século XVIII, logo após a consolidação da Grande Loja de Londres fundada em 1717.

Atualmente, essa obra é de suma importância para o pesquisador de Maçonaria, porque é a principal divulgação de um sistema de três graus, inclusive o grau de Mestre que somente foi adotado pelos Modernos depois de 1738 e a Lenda de Hiram.

Clique no link para comprar

<https://clubedeautores.com.br/livro/maconaria-dissecada-2>